

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



AS IMPLICAÇÕES DAS PRÁTICAS ESCOLARES NA APLICAÇÃO DA LEI

10.639/03

Alessandra Guimarães dos Santos Medina¹

RESUMO

Esse trabalho resulta das reflexões inerentes as ações e práticas mais comuns no contexto escolar, para efetivação da Lei 10.639/03, em especial do CEEBJA Santa Clara, através da coordenação e participação nesta Equipe Multidisciplinar e através de entrevista realizada com alguns membros das já referidas equipes, em outras três escolas de Ensino Fundamental e Médio no município de Mandaguari/PR. Diante da evidência do fato que se concorda com o fato de no Brasil ter racismo, mas na maioria das vezes ninguém se identificar como racista, entendemos ser relevante fazer um estudo referente ao povo negro no Brasil ao longo do tempo. Para isso, além e após a abordagem qualitativa, realizamos uma revisão bibliográfica pontuando conceitos inerentes à questão racial, que mereciam esclarecimentos, são eles: eugenia e teoria do embranquecimento, racismo institucional e cordial, e as implicações na escolarização da população negra. O estudo, além de explicitar o efeito perverso do racismo em nossas escolas e na maioria das vezes no baixo rendimento dos alunos, expõe também a fragilidade de um número expressivo de profissionais da Educação, membros das Equipes Multidisciplinares e alunos já adaptados ao racismo estrutural, sendo portanto, difícil abrir mão do conhecimento eurocêntrico tido como verdade absoluta desde sempre. Nesse sentido, buscamos realçar a possibilidade na mudança de posturas de alguns profissionais, em detrimento da negação de outros, pretendendo-se assim, contribuir positivamente para o reconhecimento e identidade de nossos alunos negros.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo, Escola, Equipe Multidisciplinar.

¹ Estudante da Pós-Graduação no Curso de Especialização História da África e Cultura Afro-Brasileira: práticas docentes, relações sociais e aplicação da Lei n.º 10.639/03. Universidade Estadual de Maringá – PR.

Contato: agsmedina@hotmail.com

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



INTRODUÇÃO

A lei 10639/03, estabelece a obrigatoriedade das escolas de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares garantam em seus currículos o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, proporcionando assim o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição deste povo nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil, além disto, deve se constar em calendário escolar, o dia 20 de novembro como data comemorativa do “Dia da Consciência Negra”. Nesse sentido, a Equipe Multidisciplinar política educacional para a efetividade da Lei 10638/03 é uma estratégia que a SEED/PR institui para que o Estado possa efetivar/ regulamentar a implementação da Lei nos estabelecimentos de Ensino, do Paraná. A Equipe Multidisciplinar(E.M) é normatizada pela Instrução N° 010/2010 – SUED/SEED , se estrutura numa dinâmica de trabalho, que mediante frequência em grupos de estudos que ocorrem na escola, com material predefinido pela DEDI/SEEED. Os membros recebem certificação de sessenta horas aulas, além de, claramente, uma segunda etapa que é a elaboração e desenvolvimento de atividades, objetivando dar conta da demanda da Lei 10639/03 sendo que esta segunda parte não interfere na certificação. A versão 2017 apresenta ainda uma etapa em Ead, com ambiente virtual elaborado pela Secretária de Educação/DEEDI, com disponibilidade de material didático, um questionário disponibilizado após cada encontro presencial e duas wikis |(textos produzidos no AVA, de forma coletiva), uma para elaboração do Plano de Ação, e outra para Memorial descritivo das ações realizadas no decorrer do ano letivo. Há então um coordenador a frente de todo trabalho no ambiente escolar.

Atuando, portanto nesta coordenação em dois colégios da rede Estadual do Paraná sempre se propunha a indagação acerca do alcance a que se pretende ao se formar tal Equipe nos estabelecimentos de ensino e sua “visibilidade prática”, em detrimento da certificação garantida ao se comprovar frequência nos encontros presenciais mediante assinatura na lista de presença. Em decorrência de tais

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



inquietações pertinentes ao olhar de quem passa a repensar e de fato ressignificar a história do povo negro e afro-brasileiro, na perspectiva das teorias raciais em detrimento da visão eurocêntrica, tristemente ensinada e aprendida nas relações que se estabelecem nas instituições escolares é que se propõe este trabalho. O que se sabe, até então, de forma comumente, sobre a história do povo negro e afro-brasileiro é suficiente para que se possa garantir bons planos de ação para a efetividade da Lei? Nosso conhecimento acerca do racismo institucional, o discurso meritocrático, a teoria do embranquecimento refletem de que forma em nossas práticas escolares e nas ações dos alunos que estão em formação integral humana em nossos bancos escolares? Qual é a visão dos alunos acerca do que é trabalhado em relação à Educação para as Relações Etnico Raciais em nossas instituições? Buscando respostas para todas estas questões, além das inúmeras reflexões decorrentes do trabalho realizado na coordenação da E. M. no CEEBJA Santa Clara, com atividades envolvendo alunos, professores e demais funcionários, realizamos uma pesquisa com entrevista em grupo com alunos de dois estabelecimentos da Rede Estadual de Ensino e ainda conversamos com duas professoras. O que foi preponderante para nos dedicarmos às leituras fazendo uma revisão literária, acerca de primariamente conceituar racismo, discriminação e preconceito. Isto bem em linhas gerais e, além disto, pretendemos pontuar questões como racismo institucional, teoria do embranquecimento e eugenia e o discurso meritocrático impregnado no contexto escolar, bem como a necessidade de nos fundamentarmos em teorias raciais em contrapontos ao pensamento meritocrático, como a ideia de capital cultural.

O que se almeja então, além da revisão bibliográfica, é levantar aspectos pertinentes a manutenção do racismo da desigualdade de oportunidade, ainda recorrente no ambiente escolar decorrentes de práticas pedagógicas pautadas no conhecimento eurocêntrico. Além disto, busca-se, nem que seja ao menos, vislumbrar possibilidades para que as implicações da nossa prática pedagógica possam rumar para ações que de fato valorizem as pessoas negras, no sentido de fortalecer a identidade de um povo, entendendo sua trajetória e sobretudo sua história até então mal contada e mal escrita por

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



mãos de pessoas não negras, corroborando deste jeito para que a o povo negro tenha a noção de sua resistência e importância em continuar resistindo.

Vejam, portanto que racismo é uma forma de tratamento diferente, inferior que é dado a pessoas negras em detrimento de pessoas não negras, acontece que é muito importante ter clareza de determinados conceitos, até porque estamos nos referindo a um ambiente específico que é a escola.

RACISMO INSTITUCIONAL

Embora seja consenso que não existem raças, mas sim a “raça humana”, sabemos que o racismo existe e ele decorre do fato de termos nossas peculiaridades, enquanto povo. Pois bem apesar disto há racismo presente em nossa sociedade, embora ninguém assuma seu racismo, consiste num comportamento que parte da premissa de inferiorização do outro, devido sua identidade racial, percebida pelas suas marcas cor da pele, nariz, cabelo enfim características físicas e biológicas. O que significa dizer que o racismo se manifesta na ideia, infeliz, de conceber que os seres humanos negros, devido ao fenótipo, são inferiores a seres humanos não negros, como se explicava cientificamente, em nossa sociedade, desde o século XVIII. Estas ideias apresentam-se no imaginário coletivo, até hoje. O que, naturalmente, refletiu e reflete, em atitudes de discriminação, ou seja condutas que, cotidianamente, violam direitos de pessoas pautadas na premissa de há seres melhores que outros, devido a seus traços físicos, ou seja negróides. É interessante mencionar que discriminação pode ocorrer por termos atitudes ou por nos omitirmos, diante de situações, onde podemos verificar o racismo, em sua face mais cruel, que é o tratamento discriminatório. O preconceito, um sentimento, uma ideia, que temos de grupos, pessoas antes mesmo de conhecer, devido ao que já aprendemos sobre. O preconceito existe para explicarmos atitudes discriminatórias, por exemplo, jovens negros, com frequências são parados para revista pela Polícia, pois já há uma concepção, um consenso falacioso, diga-se de passagem, de que o perfil do jovem negro é perfil de marginal. Ocorre, portanto, que no ambiente

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



escolar a presença do racismo, do preconceito e da discriminação, são comuns, porém na maioria das vezes nem são percebidos, devido a nossa educação eurocêntrica, que nos ensina a negar a diversidade na ótica de um padrão europeu, enfatizando a ideia do único.

O racismo, como se vê acima, é percebido através do sentimento de inferiorização de um povo, sobretudo do povo preto face ao povo não negro, e tem sua raiz, na ideia eurocêntrica, a fim de justificar a exploração a qual foi submetida os africanos. O racismo marca todas as esferas da sociedade brasileira e devido a sua amplitude, precisa ser reconhecido em sua gênese sistêmica, uma vez que se organiza e se desenvolve através de estruturas, políticas, práticas e condutas que definem oportunidades e valores para pessoas e populações a partir de suas características físicas atuando em diferentes níveis, mas principalmente, o institucional., aquele que percebemos na escola, até quando damos uma olhada na sala dos professores e temos dois ou três colegas negros, mas quando observamos outros espaços da escola como cozinha, limpeza, vamos encontrando nossos colegas negros em funções que ao longo do tempo fomos aprendendo, através de uma naturalização didática que negros possuem um lugar para ocupar na sociedade. Ao que chamamos de “Linha de cor”:

Ou seja, sob o racismo, uma separação (segregação) é feita a partir da cor da pele das pessoas, permitindo aos mais claros ocuparem posições superiores na hierarquia social, enquanto os mais escuros serão mantidos nas posições inferiores, independentemente de sua condição (ou seus privilégios) de gênero ou quaisquer outros. Note-se que a linha de cor, ainda que guarde certa flexibilidade em relação às diferentes tonalidades, reivindicará e resguardará, nas disputas cotidianas e gerais, o lugar de privilégio sempre para o mais claros. (INSTITUTO GELEDÉS, 2011).

É evidente que sabemos que a escola está impregnada de racismo institucional, vemos isto quando em nossas escolas centrais verificamos um número de alunos não negros, mais claros bem mais expressivo do que de alunos negros, e já nas periferias, temos na maioria alunos negros, com índice grande de faltas, e baixo rendimento escolar, o que podemos explicar segundo Bourdieu(2003) pela ausência de capital cultural, e não pela

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



falta de “vontade de vencer”, como ressaltam alguns professores convencidos pela teoria do meritocracia. Vale destacar que para que o racismo pudesse se naturalizar, ideias decorrentes da eugenia, toma corpo na teoria do embranquecimento.

EUGENIA E TEORIA DO EMBRANQUECIMENTO

A teoria do embranquecimento, resultante da ideia da eugenia bem difundida no Brasil em meados dos anos de 1930, por meio de eugenistas, como podemos observar em Rodrigues (2010), assim era o pensamento de que "problema negro", que eram sempre relegados à inferioridade, poderia ter fim através do embranquecimento, obtido através do intercuro sexual com pessoas brancas, europeias. Este processo certamente acabaria com o nascimento de pessoas de pele negra, o que foi um total engano, triunfalmente, diga-se de passagem, a pele negra não foi erradicada, como queriam. O antropólogo e médico carioca João Baptista de Lacerda foi um dos principais expoentes da tese do embranquecimento entre os brasileiros, tendo participado, em 1911, do Congresso Universal das Raças, em Paris. Esse congresso reuniu intelectuais do mundo todo para debater o tema como a eugenia e da relação das raças com o progresso das civilizações (temas de interesse corrente à época). Baptista levou ao evento o artigo “*Sur les métis au Brésil*” (Sobre os mestiços do Brasil, em português), em que defendia o fator da miscigenação como algo positivo, no caso brasileiro, por conta da sobreposição dos traços da raça branca sobre as outras, neste caso a negra e a indígena. É inegável, portanto, que somos um povo sonhado para inexistir, e apesar do negro sempre passar por estigmatização e fetichização, duramente, resistimos e somos, mais de 54% da população brasileira, conforme IBGE.

Cabe aqui registrar que no Documentário Menino 23 (2016), verificamos que no Brasil, na década de 1930 existiam grupos de pessoas que embasadas no pensamento Nazista, que inevitavelmente embalados pela eugenia consideravam negros inferiores, sendo inclusive que neste momento em São Paulo, cinquenta meninos negros com idade entre nove e doze anos foram levados de um orfanato do Rio de Janeiro para serem

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



submetidos a trabalho escravo, na propriedade dos Rocha Miranda, e conforme se observa no documentário, muitos moradores daquela região, deslumbrados com as construções que a família trouxe para o interior de São Paulo, acreditavam que isto não era um mal para os meninos, que foram mantidos em regime escravagista, muito tempo depois da abolição, em razão pois da eugenia, que ainda preconizava a ideia de que negros eram mais fortes, portanto melhores para trabalhos pesados, mas inferiores, intelectualmente.

OS RESULTADOS DA PESQUISA

Realizar brevemente algumas considerações sobre o racismo, a teoria do embranquecimento foi pertinente no sentido de que ao fazermos reflexões sobre a efetividade da Equipe Multidisciplinar e entrevistas com alunos e professores aferimos que:

*Os entrevistados, alunos do terceiro ano do ensino Médio, alunas do quarto ano de Formação de Docentes e professoras, como não poderia deixar de ser, respondem positivamente a pergunta se existe racismo no Brasil;

*A maioria dos alunos conceituam a África como um país e uma aluna do Formação de Docentes reconhece a África como um continente. Um lugar de muitas danças, muita pobreza e muitos animais. Lugar onde as vestes e os adornos chamam a atenção pelo colorido. A maioria também acredita que na África, não existam africanas tão belas como as que vêem nas fotos e nos slides das aulas de Arte, pois em sua maioria, na “Semana da Consciência Negra” pintam africanas e animais que a professora traz para eles reproduzirem. “O brasileiro catou muita coisa da África... a capoeira, por exemplo, veio de lá”.

* Em relação à Lei 10639/03, nenhum aluno conhece, e também não percebem que ela foi tratada nos conteúdos escolares, ao longo da formação escolar. Mas reconhecem que alguns professores trabalham questões do racismo, e da cultura afro-brasileira. E identificam que na disciplina de Sociologia assuntos correlatos são trabalhados.

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



Consideram importante discutir a questão do racismo, para que as pessoas entendam que todos somos iguais que temos que nos tratar com respeito.

* Os alunos ainda percebem que o negro está sempre vinculado à questões do período escravagista coisas ruins, ao se ver notícias sobre a favela, a maioria das pessoas são negras, a questão da violência, assaltos, sempre já se diz que deve ser um negro. Lembraram o futebol, quando torcedores xingam de macaco, ou jogam banana... E contestam que fatos como estes deveriam ser tratados com mais rigor no Brasil e no mundo. Todo este comportamento ficou gravado na mente das pessoas devido ao período escravagista. Ainda citam as imposições que da sociedade, por exemplo, estabelecendo um lugar em que o negro deve ou não estar, inclusive que os negros devem ocupar cargos e posições na sociedade inferiores aos não negros. Aqui nesta questão, surge na Formação de Docentes uma peculiaridade, a de que determinadas roupas também não devem ser usadas por meninas negras, que existe um padrão, “ muitas vezes o racismo existe porque muitas meninas são bonitas, tem uns cabelos cacheados bem lindo, um corpo lindo e isto dá raiva em algumas pessoas”!

*Sobre a questão ser rico e preto, acreditam que faz muita diferença, mas em se tratando de um rico preto e um rico branco, o branco ainda será mais bem tratado que o preto, em qualquer lugar. “A não ser que seja o Barack Obama” risos;

*Sobre a Equipe Multidisciplinar, não sabem o que é, e nem conhecem alguém que faça parte desta equipe. Mas percebem que na Semana da Consciência Negra, vinte de novembro, são expostos vários trabalhos na escola, muitos cartazes, são feitas redações sobre o racismo, o negro, vestem roupas, turbantes, já fizeram sessão de fotos;

*Para administrar a questão do racismo no Brasil seria necessário ter mais palestras na escola, falando-se mais sobre assunto, principalmente, por todos os professores. E que se deve ensinar a desde criança sobre o racismo, embora eles concordem que parece que racismo está no caráter da pessoa e para alguns não adianta falar porque às vezes a pessoa escolhe ser racista.

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



A entrevista feita com duas professoras corrobora para as reflexões aferidas no decorrer do trabalho realizado durante quatro anos na coordenação da Equipe Multidisciplinar no CEEBJA Santa Clara.

*No Brasil existe racismo, todos concordam.

*Sobre o povo negro no Brasil, as professoras destacam vinda para o Brasil, a história que nos deixaram as crenças, a capoeira. Observando a classe trabalhadora, vemos mais num rol de valores, com salários mais baixos que os brancos, por exemplo, muitas mulheres negras são empregadas domésticas, e isto vem desde os escravos, a desvalorização do negro, dificilmente vemos negros em cargos mais importantes, “quando vê até se espanta, porque existem, poucos, mas existem”, citam caso dos EUA, com Barack Obama.

*Sobre a Lei 10639/03, há uma visibilidade lá na Semana da Consciência Negra, que é trabalhado a cultura afro culinária, jogos matemático, a questão do social, quem está em destaque, uma professora disse que trabalha a questão afro, inclusive contemplada em seu Plano de Trabalho Docente, assim como se sabe também que no PPP do CEEBJA Santa Clara existe uma seção destinada a normativas e sugestões pedagógicas para que sejam realizadas as ações condizentes, de forma contextualizada e diversificada. A professora ainda destaca que trabalha com os sextos anos no início do ano letivo e depois retoma em novembro, desde os navios negreiros, o sofrimento e a resistência do povo. Ressalta que fez um trabalho sobre alimentação, através de pesquisa: os tipos de alimentos que eram feitos quando vieram do Brasil... Um trabalho realizado com membros da Equipe Multidisciplinar.

*Em relação à Equipe multidisciplinar, já participaram e uma professora contribui com trabalhos que os alunos realizam durante as aulas como Máscaras africanas. Com fotos de pessoas consideradas pela cor da pele descendentes, foi feito ensaio fotográfico. E também campeonato de pipas, sugestão da Equipe Multidisciplinar, foi um projeto que alguns alunos participaram.

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



* As professoras não se consideram racistas, porém no meio da conversa, entrou a pedagoga e se declarou gratuitamente racista, mas não quis participar da entrevista.

*A questão das cotas não estava prevista, mas surgiu no decorrer do diálogo e merece o registro. “As professoras, inicialmente, se posicionaram contrárias às cotas, inclusive uma verbalizou: “isto é mais racista, ainda, dar cotas aos negros é rotular, você é negro então pode entrar porque é menos valorizado pela sociedade”, mas a outra ponderou reconhecendo que se trata de uma tentativa de reparação de um prejuízo passado, mas que a maioria, nem usa. Diante do registro das entrevistas e das inferências tidas na prática pedagógica, é pertinente afirmar que todos sabemos que o racismo existe que negros são excluídos e marginalizados em todas as esferas da nossa sociedade. No entanto não conseguimos reconhecer o racismo que aprendemos a exercer desde a mais tenra idade, a negação torna invisível marcas indeléveis.

Quando nos debruçamos sobre as primeiras décadas do século XX, vemos que o racismo, embora sempre institucional, não era cordial. Os negros eram impedidos de se matricular em muitas escolas, locar imóveis; eram proibidos de frequentar certos clubes, cinemas, teatros, bares, determinadas áreas das ruas e praças públicas, não eram aceitos em muitas empresas, orfanatos e irmandades religiosas, enfim vivia-se a população negra em condições de sub cidadania, sem acesso a direitos civis fundamentais.

Isto certamente reflete em nossa educação, que considera relevante para a academia, o conhecimento europeu, com todos seus padrões estéticos, galgado na teoria do quanto mais claro melhor induzindo muitas vezes, nossos meninos e meninas a continuarem à margem de muitas conquistas, e realizações.

Bem visível no ambiente escolar, o eurocentrismo apresenta-se em nossas vidas, cotidianamente, de forma tão inexorável que, conscientemente, nem percebemos a presença dele. E, além disto, podemos observar que muitos alunos negros apresentam baixo rendimento, no ano/série, que está matriculado e na maioria das vezes não desejam ir para escola, em grande número motivado pela possibilidade de emprego e

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.

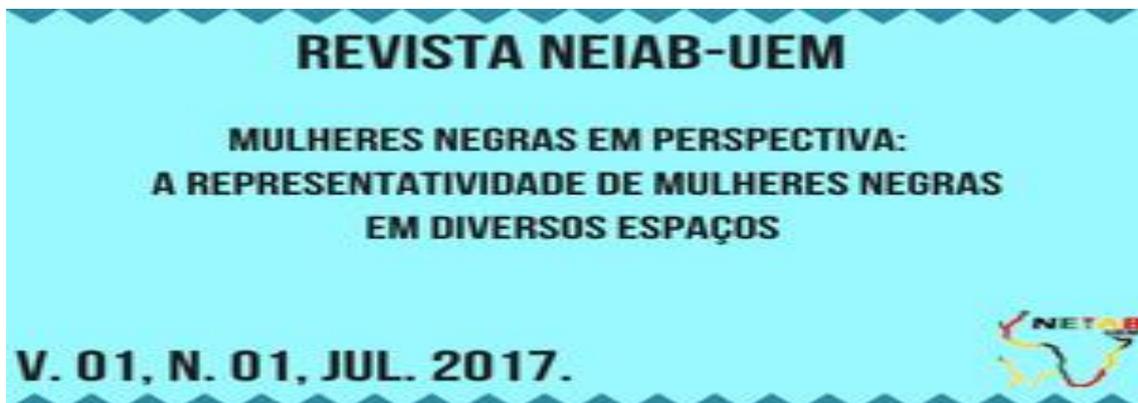


poder adquirir os produtos que atrativamente, se é tentado, a ter, considerado nossa sociedade, classista, excludente e preconceituosa.

Segundo Bourdieu(2003), a ausência de capital cultural, é fundamental para que se configure esta realidade, sendo portanto que a questão racial é fator na maioria dos caso fator de impedimento ou dificuldade ao acesso, sucesso e permanência dos alunos negros. Por isso podemos ressaltamos que:

[...] cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital e um certo ethos, um sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir entre as coisas, as atitudes face ao capital cultural e a instituição escolar. A herança cultural que difere sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente pela taxa de êxito. (BOURDIEU, 2003, p.42,)

Logo, fica impossível afirmar que todo aluno depende somente de seu esforço para conseguir êxito escolar, eis então a falácia do discurso meritocrático. Sem nenhuma dúvida podemos entender que as implicações da prática escolar, face ao racismo institucional, a meritocracia, certamente ainda revelam seus efeitos perversos, ainda nos deparamos com relatos de alunos que sofrem discriminação e preconceito em ambiente escolar, inclusive em conversas com alunos da modalidade EJA, percebemos o quanto para os adultos é doloroso encarar a questão do racismo e aceitar que isto nos faz mal, muitos verbalizam que não querem participar de discussões pertinentes ao povo negro/ afro-brasileiro, porque isto os causa sofrimento. Já para os alunos em ensino regular como pontuamos na entrevista a discussão sobre o tema é necessária, deve acontecer com mais freqüência. De maneira bastante otimista acredita-se que nossos alunos, ainda que sofram com o racismo institucional recorrente em nossas escolas, estamos demonstrando que resistimos ao longo da história, e que esta resistência tem se revelado e tomado proporções interessantes e, garantindo certa visibilidade ao povo negro. Tantos nas instituições escolares, através da Lei 10639/03, quanto nos meios midiáticos, em já em outras esferas da sociedade, estamos vendo minimamente, a presença de



peças negras e que se auto-declaram negras, reconhecendo sua etnia, sua ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório, já tentando finalizar, que a escola tem contribuído para o enfrentamento ao racismo e a valorização do povo negro/afro-brasileiro, conhecemos muitas de suas ações, na busca de realmente implementar e garantir a efetividade da Lei, reconhecemos que muitos professores demonstra interesse pelo assunto e dá a ele a devida importância, se prepara para aulas, participa de cursos entre outros recursos didáticos e, isto tem reflexos positivos. Contudo também reconhecemos, com amargura, que ainda muitos profissionais da educação demonstram-se resistentes em buscar atividades que contemplem a História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil, e explicitá-las em seu rol de conteúdos, sob a prerrogativa, totalmente convencidos e amoldados ao racismo institucional e mito da democracia racial, simplesmente não o fazem, e ainda com suas escolhas pedagógicas norteadas pelo conhecimento eurocêntrico acabam por contribuir para a manutenção do preconceito e da discriminação.

Por isso, a Equipe multidisciplinar deveria ser composta por pessoas que se identificasse com a causa do negro, que tivesse um vínculo estreito com o NEIAB mais próximo da unidade escolar, pois fica evidente, que o entendimento sobre as facetas cruéis e diversificadas do racismo institucional e cordial, a teoria do embranquecimento, e como nossas atitudes, justificadas pelo racismo institucional, demandam estudo, pois não estamos nos remetendo a um conhecimento difundido, com a devida atenção e veracidade dos fatos, na educação básica, sobretudo por ser escrito por mãos brancas, como ocorre, costumeiramente. É imprescindível que diante de textos, e sugestões de atividades, propostas muitas vezes, por quem não reconhece e valoriza o povo negro,

REVISTA NEIAB-UEM

MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA: A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS EM DIVERSOS ESPAÇOS

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



precisamos ter então uma leitura, crítica fundamentada, principalmente nas teorias raciais, capaz de entender que para se tratar o racismo, precisamos mensurara quem é que está falando, escrevendo sobre a história do o povo preto, porque muitas vezes, na maioria esmagadora das vezes, o que chega à escola são autores que contribuem de forma salutar, para veiculação de uma educação eurocêntrica e preconceituosa, de forma simbólica, ingênua e perversamente institucional.

Os alunos negros/ afro-brasileiros precisam conhecer a história do povo negro, reconhecer em sua amplitude, estética, tecnológica, moral e religiosa sua importância para o a formação do povo brasileiro, mesmo que tenha sido alijado, por muito tempo, dos direitos civis fundamentais, como estudar, por exemplo, mantendo-se em situação de inferioridade depois da abolição, o povo negro. Oportunamente considerando o fato de que pessoas negras não poderiam frequentar a escola conforme Constituição de 1824, além de instituir o sistema escravagista, para o negro, lá em seu 2º Ato, declara a proibição de negros em escolas, em 1854, um decreto proibia o negro de aprender a ler e escrever, o que refletiu, em nossa sociedade até meados dos anos de 1960, quando negros eram aceitos em escolas públicas no período noturno, se a diretora aceitasse a matrícula.

Percebe-se então uma estreita relação, talvez até um certo hibridismo, entre escola racismo institucional, e a escola cumpre muito bem sua função conservadora em manter este padrão, no entanto sinceramente, acredito que isto está começando a mudar. Pois verificamos que muitos profissionais da educação estão comprometidos em realizar um trabalho consciente e coerente, rumo ao enfrentamento do racismo, intuindo inspirar em nossos alunos a identificação e orgulho por fazer parte de um povo que resistiu e segue resistindo, apesar de tantas adversidades.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora, as desigualdades frente a escola.** Petrópolis. Vozes 2003 .p. 41-64

REVISTA NEIAB-UEM

**MULHERES NEGRAS EM PERSPECTIVA:
A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS
EM DIVERSOS ESPAÇOS**

V. 01, N. 01, JUL. 2017.



DOCUMENTÁRIO Menino 23. Direção de Belisário Franca. Produção de Globo Filmes; Giros; Globo News; Canal Brasil. Realização de Belisário Franca. 2016. P&B.

INSTITUTO GELEDÉS. **Racismo institucional uma abordagem conceitual**. Rio de Janeiro: Trama Design, 2011.

KOTTAK, Conrad Phillip. **Um espelho para a humanidade: uma introdução à antropologia cultural**. Porto Alegre-RS: AMGH, 2013, p. 260-291.

PARANÁ. Instrução nº 10, de 2010. **Instrução N° 010/2010 – Sued/seed**.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Ipanema: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, p. 106-129

FERNANDES, Claudio. **História do Brasil**
<<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadorbrasil/tese-branqueamento>> acesso em 28/06/2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 03**, de 10 de março de 2004. Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, DF, 2004.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> acesso em 02/07/17

http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf
acesso em 02/07/17

<http://forumafrope.blogspot.com.br/2012/07/sete-atos-oficiais-que-decretaram.html>
acesso em 05/07/2017